

QUADRINHOS/Lançamento

São Paulo, terra selvagem

Em O Negócio do Sertão, graphic novel do antropólogo André Toral, paulistas maltrapilhos organizam expedições para transformar índios em escravos no século 17

Marcel Plasse

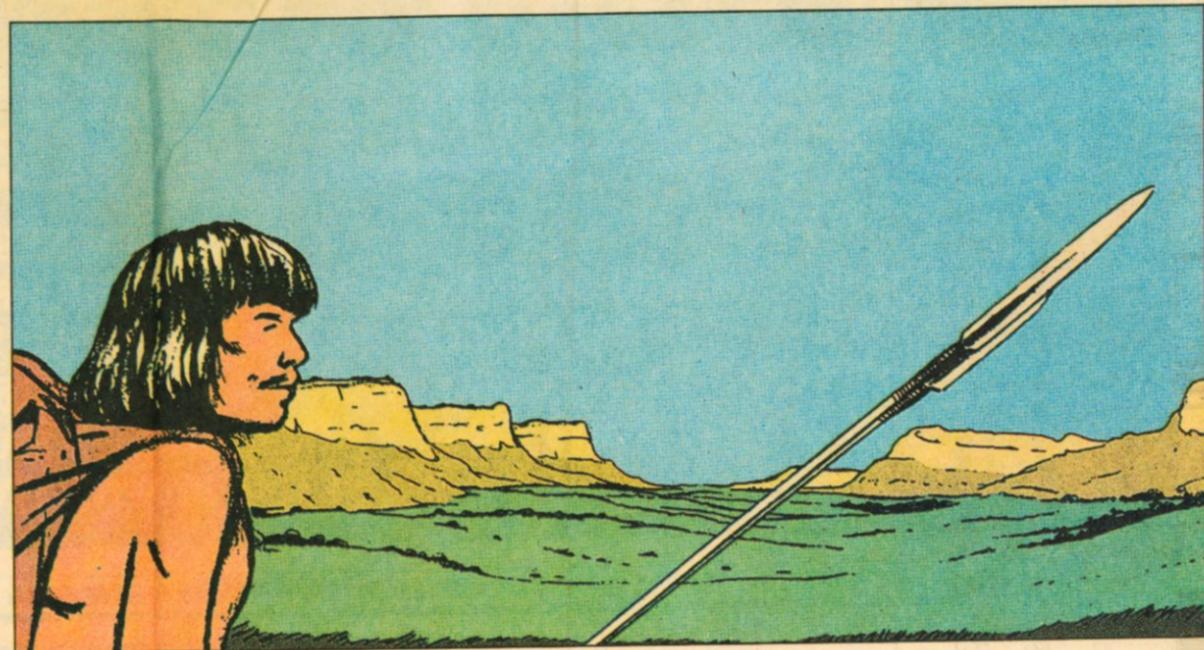
Em São Paulo, o odor de coisas apodrecendo, misturado ao de porcos, vacas e o mau cheiro que exala das poucas casas com telhas e paredes de taipa, conjura uma atmosfera pesada capaz de afastar a forte presença de mato que subsiste na vila. Os habitantes são feios, desdentados, andam de pés descalços e falam mais o tupi do que o português. São chamados de barbudos pelos índios da região, porque sua aparência desleixada e doentia é um contraste com o saudável aspecto dos kaiapós. São Paulo dos Campos de Piratininga, no ano de 1653, é um horror urbano dominado pela miséria. Para os paulistas maltrapilhos, existe somente um jeitinho de sair da crise econômica: conseguir financiamento para organizar entradas no sertão, com o objetivo de escravizar alguns índios e vendê-los no mercado de escravos.

A novela gráfica **O Negócio do Sertão — Como Descolar uma Grana no Século XVII** é um mergulho antropológico do quadrinhista André Toral no passado pouco glorioso da capital financeira do Brasil. A São Paulo dos bandeirantes, uma imagem sempre associada a grandes expedições e conquistas, é desmontada quadrinho por quadrinho, como a ilustrar uma tese. Para começar, Toral decidiu encenar sua história no período imediatamente posterior às grandes expedições. Em nenhum momento fala em bandeirantes. Seus paulistas realizam pequenas e miseráveis entradas no sertão, sem nenhuma intenção nobre.

Toral insiste que é mais quadrinhista do que antropólogo quando escreve e desenha suas histórias. De todo modo, sua preocupação em traçar o painel da época transparece na inclusão de um texto introdutório, quase didático, ao estilo das apresentações feitas nos quadrinhos semi-antropológicos de Hugo Pratt. O desenhista italiano é uma forte influência também em seu traço. Mas Toral desenvolveu um estilo próprio, que privilegia os contrastes entre o claro e o escuro, mais para a escola de Alex Toth do que para a linha clara europeia. O que acaba chamando a atenção em seus quadrinhos é o cuidado com ângulos e enquadramentos que denotam uma sensibilidade de fotógrafo.

Ao tratar os paulistas brancos como seres patéticos, Toral não investe no maniqueísmo, e evita transformar seus índios em bons selvagens. Eles matam, abusam de crianças, e às vezes cometem o grande pecado da ingenuidade. Toral explica, com preocupação de antropólogo, que os índios não tiveram um papel passivo na história do Brasil. "Tivemos grupos como os tupis, que caíam na conversa mole dos colonizadores", diz. "Mas também tivemos os gês, de quem descendem os kaiapós e os xavantes, que reagiam energeticamente às invasões." A graphic novel homenageia, em especial, o grupo dos kaiapós do sul, que reagiram tão violentamente à intromissão do homem branco que acabaram exterminados. Atualmente, acredita-se que seus únicos descendentes sejam os panará, do Parque Nacional do Xingu, também chamados de krenakarores.

O desenhista tem uma segunda história sobre índios exposta no Pavilhão da Bienal, no Parque Ibirapuera, **O Caso dos Xis**. E não pretende repetir o tema tão cedo. Seus novos projetos incluem uma graphic novel sobre a Guerra do Paraguai e uma história curta passada em Tarowa, um atol do Pacífico, durante a Segunda Guerra Mundial — sempre explorando seu tema favorito: vigaristas, sob as mais diversas bandeiras.



Um kaiapó desenhado por André Toral, na HQ O Negócio do Sertão, que mostra a ganância dos colonizadores e a reação dos índios à invasão de suas terras



SERVIÇO

O Negócio do Sertão — Como Descolar uma Grana no Século XVII, graphic novel escrita e ilustrada por André Toral. Uma publicação da Dealer Editora. Segundo volume da série **Graphic Dealer**, impresso em preto-e-branco, com 60 páginas. Preço: Cr\$ 9.000,00

